
Práticas de formação de novos jornalistas em educação para mídia: Um relato de experiência do ObservInfo - Observatório Estudantil Internacional da Informação (UnB e UQTR)¹

Fábio Henrique PEREIRA²
Liliane Maria Macedo MACHADO³
Mariana Fagundes AUSANI⁴
Nathália Coelho da SILVA⁵
Rafiza VARÃO⁶
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de oficina desenvolvida pelo Observatório Estudantil Internacional da Informação (ObservInfo) sobre análise de cobertura jornalística da pandemia do covid-19, junto a estudantes de graduação em jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), em 2020. ObservInfo é um projeto de extensão criado pela Faculdade de Comunicação da UnB em parceria com a Université du Québec à Trois-Rivières - Canadá, cujo foco se volta para ações diversas no âmbito de educação para a mídia nos dois países, em função da desinformação na internet, sobretudo acerca do coronavírus. É possível extrair da experiência piloto a preocupação docente com a leitura ingênua de práticas jornalísticas pelos estudantes, bem como a necessidade de criar estratégias que os conectem a reflexões mais densas acerca da profissão e da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; infodemia; educação para mídia; cobertura jornalística; pandemia

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor associado do Departamento de Jornalismo da Universidade de Brasília e integrante do programa de Pós-graduação em Comunicação da mesma universidade. É pesquisador associado aos seguintes centros de pesquisa: Arènes (França), CRICIS (Canadá) e ReSIC (Bélgica). É autor de *Jornalistas-intelectuais no Brasil* (Summus, 2011) e *As diferentes maneiras de ser Jornalistas* (EdUnB, 2020). ORCID: 0000-0002-2867-0167. E-mail: fabiop@unb.br

³ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora e Mestra em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do PPGCom FAC/UnB, onde coordena o grupo Madalenas em Ação: estudos feministas e de gênero em comunicação. E-mail: profliliane@globo.com

⁴ Jornalista e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: fagundez.mariana@gmail.com

⁵ Escritora e Jornalista. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (Pós-lit/UnB). Em 2020, atua como Professora substituta do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: nathaliacoelhoj@gmail.com

⁶ Professora adjunta do Departamento de Jornalismo da Universidade de Brasília. É coordenadora da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI) e coordenadora do SOS Imprensa. ORCID: 0000-0003-0383-5524. E-mail: rafiza@unb.br

INTRODUÇÃO

Na última década, observamos reconfigurações nas modalidades de produção e consumo de informações na sociedade brasileira. O uso de mídias sociais e de aplicativos de trocas de mensagem como ferramentas de comunicação política (AUSANI, 2017; LE CAROFF, 2018; OLIVEIRA, CRUZ, 2018) e o número elevado de pessoas que consomem informações diretamente em redes sociodigitais (Facebook, Twitter, Instagram) e em dispositivos sociotécnicos, como o WhatsApp (EVANGELISTA, BRUNO, 2019), sugerem uma complexificação dos ecossistemas midiáticos, com a emergência de novos atores e novas formas de mediação desses conteúdos (CORREIA *et al.*, 2019; WAISBORD, 2018). Esse fenômeno, aliado à crise de legitimidade das empresas jornalísticas, tem desencadeado um aumento da circulação e do consumo de notícias falsas, de conteúdos de caráter emocional, de narrativas em disputa, de discursos populistas... (BAKIS, MCSTAY, 2018; CESARINO, 2019; CHAGAS *et al.*, 2019).

O aumento de bolhas sociais impulsionado por ferramentas digitais e a alienação das pessoas em grupos restritos que reverberam discursos com os quais elas já tinham afinidade anteriormente, faz com que se questione o potencial horizontalizador da internet. Algoritmos e estruturas de *marketing* e de publicidade limitam a circularidade dos conteúdos, promovem com mais força a repercussão de discursos extremos – e de ódio – e resultam no afastamento de usuários uns dos outros em decorrência de divergências político-ideológicas, como tem sido visto no Brasil desde 2014.

Nesse sentido, é retomado o conceito de autocomunicação de massa de Castells (2013), em que o autor analisa como a comunicação em larga escala tem se transformado tecnológica e organizacionalmente. Para ele, os canais de interação na internet – em decorrência de sua horizontalidade e multidirecionalidade – permitem que os usuários exponham suas opiniões e argumentos de maneira global, contudo, a grande quantidade de conteúdos e de visões que circulam na rede impede que tudo seja lido, interpretado e debatido. Compõe-se, assim, uma situação em que as pessoas opinam e escrevem acreditando que serão vistas e lidas, enquanto, na realidade, suas posições ficam restritas a si mesmas ou a um pequeno círculo de contatos próximos.

A difusão deliberada de desinformações é ainda mais delicada e potencialmente prejudicial no contexto da pandemia da Covid-19. O número elevado de informações sobre o Coronavírus associado ao medo, à especulação e aos rumores e amplificadas pelas tecnologias digitais levou à Organização Mundial de Saúde a cunhar o termo “*infodemia*”

em referência ao assunto (ALLAHVERDIPOUR, 2020; ARROYO SANCHEZ *et al.*, 2020; HERNÁNDEZ, 2020). Alguns estudos apontam para os efeitos da desinformação relacionada à Covid-19, particularmente na falta de adoção de medidas sanitárias recomendadas (BARUA *et al.*, 2020), e que explica parte do elevado número de óbitos por Coronavírus no Brasil.

Esse cenário impõe grandes desafios às empresas e aos profissionais de informação. De certa forma, as respostas institucionais dadas à perda de credibilidade da mídia e ao aumento do consumo de notícias falsas têm sido insuficientes. Eles se concentram particularmente na criação de mecanismos de checagem de informações e de combate de conteúdos falsos - como as agências de *fact checking* - e na difusão de um discurso que reforça a ideia das empresas de mídia e dos jornalistas como produtores legítimos de conteúdos credíveis e verificáveis (MORETZSOHN, 2019). Ora, essas estratégias encontram resistências junto aos públicos, seja pela mudança nas formas convencionais de consumo de notícias - e da dificuldade dos jornalistas em compreender esses novos hábitos - seja pela dificuldade de competir pela atenção dos leitores (GARCIA-RAMIREZ, 2021) com conteúdos de forte apelo emocional (BRAUN, EKLUND, 2019).

Nesse sentido, advoga-se que parte das ações de combate à desinformação devem ser direcionadas às instâncias de formação dos futuros jornalistas e dos próprios públicos. Esse debate deve, portanto, ser deslocado para o campo da educação para a mídia, mas buscando ir além da simples crítica da informação difundida pelo jornalismo *mainstream*. De fato, se uma leitura crítica dos meios continua sendo uma prática formadora fundamental - sobretudo no contexto de forte polarização política e de engajamento partidário da mídia brasileira - acredita-se que é importante extrapolar esse objeto e discutir também processos mais amplos de circulação e consumo de informações em diferentes plataformas, bem como os circuitos de mediação on-line e off-line desses conteúdos (AUSANI, 2017; BASTARD, 2019.).

É com base nesse cenário que professores e estudantes de graduação e pós-graduação em jornalismo da Universidade de Brasília, em parceria com colegas da Université du Québec à Trois Rivières (Canadá), criaram o *Observatório Estudantil Internacional da Informação* (ObservInfo). O projeto atua simultaneamente em duas direções: na formação de estudantes de jornalismo para realizarem uma leitura crítica dos meios e terem condições de distinguir conteúdos que contenham algum tipo de

desinformação; e na sensibilização dos estudantes e professores de ensino médio do Distrito Federal sobre o assunto.

Este artigo tem como objetivo apresentar a proposta do Observatório e analisar criticamente as primeiras experiências de aplicação dessa iniciativa em 2020. Ele se ancora, particularmente, em um programa acadêmico que conjuga atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para operacionalizar a proposta, será discutido, a seguir, o contexto no qual ela se insere, seguido de uma apresentação do projeto e suas principais ações e resultados. As conclusões buscam confrontar esta experiência com base em uma pedagogia crítica da comunicação e do jornalismo.

CONTEXTOS

A informação inverídica em meios de comunicação, mesmo jornalísticos, não é uma novidade instituída pelas mídias sociais, mas as possibilidades oferecidas pela Web 2.0 (e mais recentemente pela Web 3.0), ao aumentarem exponencialmente a produção e o compartilhamento de informações, também acentuaram a publicação de conteúdos enganosos ou falsos. Nessas fases da Web, há uma reconfiguração de formas de produção de informação e mesmo das sociabilidades, estabelecendo:

1) a World Wide Web como plataforma de trabalho; 2) o reforço da inteligência coletiva; 3) a gestão de base dos dados enquanto competência primária; 4) a constante atualização gratuita dos dados e dos serviços disponíveis na Rede; 5) a utilização de modelos de programação rápidos e a busca da simplicidade; 6) o software não limitado a um único dispositivo e 7) o valor agregado das experiências dos internautas (LACALLE, 2010, p. 83).

Conseqüentemente, os processos de desinformação, que também não são novos, têm tido impacto e repercussão maiores que no modelo de comunicação de via única, verificado sobretudo nos chamados meios de comunicação de massa tradicionais, no qual um centro irradiador de mensagens as levava até um receptor que não tinha como atuar nesse próprio centro produtor.

Desse modo, apesar de notícias falsas (*false news*, como eram chamadas no início do século XX) serem componentes da comunicação industrial desde suas origens - como na série “Grandes Descobertas Astronômicas Recentemente Feitas”, em que o jornal *The New York Sun* afirmava ter sido descoberta vida na Lua -, há especificidades nas primeiras décadas do século XXI que afastam o contexto de desinformação e *fake news* desse

período daqueles das notícias publicadas por tablóides da *penny press*, pelos jornais populares no Brasil (como foi o caso do *Notícias Populares*) ou pela imprensa hegemônica brasileira em determinadas situações. O uso recente dessas expressões é, na verdade, resultado de uma série de fatores:

Em primeiro lugar, a comunicação possibilitada pela tecnologia aumentou proliferação desses conteúdos exponencialmente (KUMAR; SHAH, 2018; BERTHON; PITT, 2018; VOSOUGHI *et al.*, 2018); segundo, os ciclos de *feedback* positivo criados por notícias falsas tendem a alimentar a disseminação contínua de desinformação (Berthon e Pitt, 2018); e, finalmente, as mentiras se difundem mais rápido do que a verdade, pois os humanos são mais propensos a compartilhá-las (VOSOUGHI *et al.*, 2018). (FERREIRA; ROBERTSON; KIRSTEN, 2019, p. 151, *tradução nossa*)

A desinformação, nesse contexto, assume um caráter de ecossistema amplo, com difusão ligada a questões ideológicas, com “[...] engrenagens de informações falsas, imprecisas e enganosas criadas e divulgadas para fins de confundir, causar dano à sociedade ou simplesmente visando lucro. Esse sistema compreende diferentes níveis de risco, intenção e impacto” (CESPEDES, 2020, p. 1). Já as *fake news* aparecem como um dos elementos desse ecossistema, correspondendo a “[...] informação falsa, geralmente sensacionalista, que se espalha disfarçada de notícia jornalística” (COLLINS, 2019).

Nenhum dos dois fenômenos, entretanto, diz respeito à pura e simples mentira (SERRANO, 2010). Ambos fazem parte daquilo que Wardle (2018) chamou de transtorno informacional (*information disorder*) e que, embora não diga respeito apenas ao jornalismo, impacta diretamente a percepção que se tem das práticas jornalísticas por parte de seus possíveis consumidores, bem como traz questões relacionadas à sua credibilidade. Como profissão cujo *ethos* é baseado no relato da verdade, na descrição dos fatos conforme eles acontecem ou aconteceram (ainda que com a certeza de que variados graus de subjetividade intervêm nesse relato), o jornalismo é atravessado cotidianamente pela noção de *fake news*. Ora é acusado de ser seu produtor, ora precisa desmentir material falso difundido como se fosse verídico, por meio de checagem.

O cenário de desinformação e proliferação de *fake news*, entretanto, não pode ser compreendido apenas como um quadro que os jornalistas devem combater com checagem, mas que precisa ser apreendido em suas múltiplas dimensões, inclusive a partir da formação de futuros jornalistas, nas universidades, capacitando-os para a análise desses fenômenos e habilitando-os para a intervenção responsável diante da relativização da importância de uma informação correta. É sobretudo nessa instância que o

Observatório Estudantil Internacional da Informação (ObservInfo) inscreve suas atividades, compreendendo que a formação para o jornalismo “[...] não deve produzir apenas uma ferramenta teórica que ajude a compreendê-lo do ponto de vista meramente descritivo” (MEDITSCH, 2004, p. 33). Nesse sentido, ainda, o estudante de jornalismo não apenas aprende os conceitos que envolvem os processos de desinformação, mas passa a ser produtor de conhecimento sobre esses processos, “[...] numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo” (FREIRE, 1983 [1967], p. 93), atuando de forma crítica sobre a realidade. Assim, cruzam-se no projeto a crítica da mídia e a educação para a mídia, não só pensando em públicos externos, mas nas ações de aprendizado possíveis ao estudante de jornalismo.

PROJETO

O *Observatório Estudantil Internacional da Informação* (ObservInfo), projeto de extensão realizado pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) em parceria com o departamento de comunicação social da Université du Québec à Trois-Rivières (Canadá), objetiva acompanhar e analisar de maneira sistemática informações relativas à atualidade midiática. A iniciativa atua na criação e difusão de um conjunto de produtos de educação para a mídia (como postagens em mídias sociais, vídeos, cartilhas e orientações) disponibilizados e oferecidos à comunidade por meio de um site oficial⁷, de um site institucional⁸ e de plataformas como Facebook, Instagram e Twitter⁹. Com inspiração na noção de Freire (1967), de viabilizar uma educação voltada para o homem-sujeito, o ObservInfo entende a educação das massas e, mais especificamente, a educação para a mídia, como algo fundamental. “Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” (FREIRE, 1967, p. 36).

Em termos de relevância social, o projeto tem como enfoque desenvolver ações de educação midiática e de combate à desinformação. O intuito é extrapolar o exercício de mera checagem dos fatos (*fact checking*), cuja efetividade e alcance são limitados, e trabalhar na análise de conteúdos e na desconstrução de enunciados enviesados ou com

⁷ Disponível em: <https://observ.info/>.

⁸ Disponível em: <http://www.observinfo.unb.br/>.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/ObservInfo>, <https://www.instagram.com/observinfo/> e <https://twitter.com/InfoObserv>.

desinformação e na construção de instrumentos de formação da população no que tange tais temáticas. O Observatório visa colaborar para que os públicos do projeto – estudantes de jornalismo, professores(as) e alunos(as) de Ensino Médio de disciplinas ligadas às ciências sociais e humanidades de escolas públicas no DF e usuários de internet no geral – tenham condições de identificar e selecionar informações de qualidade.

A iniciativa opera com enfoque pedagógico, de difusão de conteúdo e de intervenção junto à comunidade e se pauta na promoção do diálogo entre três disciplinas do curso de Jornalismo da UnB: Ética e Jornalismo, Legislação e Direito à Comunicação e Teorias do Jornalismo. Com isso, busca-se inserir no plano pedagógico e acadêmico da graduação, de forma transversal, reflexões sobre desinformação. A ideia é tentar sensibilizar os estudantes de jornalismo em relação à qualidade da informação e à importância de se compreender as dinâmicas de recepção e de uso das informações pelos públicos.

A cada semestre, uma temática é escolhida para análise pelos estudantes que participam do projeto, sob orientação dos professores. Os(as) alunos(as) realizam o acompanhamento das informações associadas a essa temática publicada nos meios de comunicação e nas mídias sociais. Os resultados das análises são apresentados e discutidos remotamente com os estudantes e professores da UQTR. Com base nessa experiência, os estudantes propõem conteúdos de educação à mídia, os quais, após serem avaliados pelos responsáveis pelo Observatório, são disponibilizados ao público geral.

Sobre a parceria com o Canadá, entende-se que, por meio do acordo com a UQTR, são estreitadas as relações com uma instituição estrangeira e há o fortalecimento de ações de cooperação internacional, possibilitando que estudantes de graduação e pós-graduação tenham contato com estudantes canadenses e possam ser socializados a um diálogo mais amplo com outros(as) pesquisadores(as) no campo da comunicação.

O ObservInfo também conta com uma linha de atuação atrelada ao desenvolvimento de ações de educação para a mídia voltadas à população do Distrito Federal com foco em professores e estudantes dos ensinos fundamental e médio. A intenção é disponibilizar ferramentas e estimular a reflexão para que essas pessoas possam ter acesso à informação de qualidade, além de saber distinguir uma notícia checada de uma desinformação. Assim, o projeto se propõe a, dentro de suas possibilidades, procurar contribuir com o fortalecimento da democracia e com o exercício da cidadania.

AÇÕES

Até o presente momento, foram realizadas duas oficinas junto aos estudantes de graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e do departamento de comunicação social da Université du Québec à Trois-Rivière (Canadá). A primeira foi feita em outubro de 2020 e a segunda em maio deste ano. Devido ao espaço que dispomos para este artigo, iremos deter-nos na descrição e análise dos resultados da primeira, referentes aos estudantes brasileiros. Futuramente, escreveremos uma análise comparativa sobre os resultados obtidos junto aos dois países.

Nosso objetivo com as oficinas foi subsidiar o trabalho de análise da cobertura da Covid-19 no contexto das disciplinas de Legislação e Direito À Comunicação e Teorias do Jornalismo. A primeira etapa foi a realização de uma aula expositiva em que se tratou sobre noções relativas à linguagem jornalística, tais como critérios de noticiabilidade, fontes, enquadramentos, gênero e responsabilidade social. Na sequência, foi entregue aos estudantes que se dispuseram a participar, uma ficha de análise contendo 10 perguntas sobre matérias publicadas nos seguintes veículos: Portal *GI*, *Metrópoles*, *Correio Braziliense* e Jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 11 de março de 2020, data em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que o mundo estava atravessando uma pandemia com a Covid-19.

Os estudantes foram divididos em grupos de dois ou três membros e instruídos a lerem as matérias com atenção e, subsequentemente, responder às questões. De uma forma geral, os respondentes não tiveram problemas em acertar questões pontuais, como, por exemplo, as formas de financiamento dos veículos em questão. Entretanto, chamou-nos a atenção as respostas para a última questão, relativa a um comentário geral acerca da cobertura realizada pelos veículos. Foi nesse espaço que eles puderam fazer uma análise dissertativa crítica acerca da cobertura dos veículos analisados.

Partindo do pressuposto de que esses estudantes cursavam ou já haviam cursado disciplinas referentes à Ética e Jornalismo; Legislação e Direito à Comunicação e Teorias do Jornalismo - cujas ementas incluem noções acerca da deontologia profissional, da responsabilidade social que devem ter perante a apuração e produção das notícias; bem como sobre o direito à informação, uma prerrogativa constitucional que garante aos cidadãos o acesso a informações plurais, que dê vozes aos setores minoritários que

integram a sociedade e que respeitem as diferenças regionais, de gênero, de etnia, de raça, entre outros, e, por fim que sabem que o jornalismo não é um espelho da realidade, mas, que, ao contrário, é co-construtor dessa realidade, visto que dissemina valores, ideias, ideologias e que, por isso mesmo, jamais poderá ser chamada de uma atividade neutra e imparcial - observamos que tais premissas foram pouco ou nada levadas em questão.

Ao todo, foram devolvidas 18 fichas preenchidas pelos estudantes das duas disciplinas. Deteremos-nos apenas na apreciação da questão dissertativa, dando relevo às respostas que insistiram na possibilidade de que foi uma cobertura imparcial e nas poucas que foram em sentido inverso. Gostaríamos de deixar claro que não se trata ainda de uma análise formal do ponto de vista metodológico, mas de apontamentos iniciais, baseados nas noções de imparcialidade, objetividade e neutralidade bem como na perspectiva freiriana da necessidade de uma educação que incentive o espírito crítico aos estudantes.

ESTUDANTES DE TEORIAS DO JORNALISMO

Primeiro, analisaremos as fichas respondidas pelos estudantes de Teorias do Jornalismo, que somam nove fichas. Dentre essas, três contêm afirmações críticas (a primeira, terceira e quarta) e seis não contêm (segunda, quinta, sexta, sétima, oitava e nona). Na análise a seguir, elas estão divididas em blocos, referentes às respostas críticas e acríicas.

Havia sido dada a possibilidade de que a décima pergunta, exatamente a relativa ao comentário dissertativo, fosse feita por meio de vídeo. O grupo da ficha 1 optou por esse método. Ao analisarem a cobertura do *Metrópolis*, afirmam que, apesar de se tratar de uma notícia, gênero classificado como informativo, segundo pesquisadores como Marques de Melo, a matéria “tem um viés, visto que coloca a posição de Mandetta, então Ministro da Saúde do Brasil, como a correta, em detrimento da divulgada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)”. O grupo também observou que houve preferência por fontes oficiais e excesso de publicidades, o que, avaliaram, pode atrapalhar a experiência do usuário. A terceira ficha, que também se deteve sobre o *Metrópolis*, elogia o fato dos textos serem sucintos, respondendo às principais questões sobre a pandemia, mas critica a falta de aprofundamento de questões levantadas mas não respondidas pelas matérias, tais como as diferenças entre surto, epidemia e pandemia. Na quarta ficha, relativa à cobertura do *Correio Braziliense*, os estudantes criticam o que

chamam de falha significativa na construção das matérias, visto que não há diversidade de fontes e preponderante opção por fontes oficiais.

NEUTRALIDADE E IMPARCIALIDADE

A segunda ficha refere-se à possibilidade de que a cobertura do *Metrópolis* foi imparcial. Primeiro, afirma-se que “as matérias têm títulos neutros e, eventualmente, com um quê de inquietação”, sem explicar o que seria a inquietação, e, logo em seguida, voltam a afirmar que o jornal: “tenta sempre noticiar esses fatos de forma neutra embasada em fontes, evitando exprimir juízo de valor”.

Na quinta ficha, os respondentes repetem a ideia de que há neutralidade, tanto nos títulos quanto no interesse público, visto que não se emitiu juízo de valor. Na sexta ficha, relativa ao conteúdo do *GI*, os estudantes elogiam bastante a cobertura afirmando não haver qualquer viés e reforçando que predominou a imparcialidade. Na sétima ficha, também sobre o *GI*, afirma-se que os títulos são neutros e que haveria no texto, de forma geral, um caráter pedagógico e educacional. A oitava matéria, referente ao *GI*, afirma que houve cuidado com as informações divulgadas bem como para com a veracidade dos fatos. A nona e última ficha, relativa à cobertura do jornal *O Estado de S. Paulo*, afirma logo no início que o jornal segue uma vertente informativa e que tenta não trazer opiniões e interpretações sobre os acontecimentos.

Em sua maioria, as análises dos estudantes insistem na ideia de que os veículos são neutros, imparciais e objetivos, desconsiderando os ensinamentos que as disciplinas de Ética em Jornalismo, Teorias do Jornalismo e Legislação e Direito à Comunicação haviam proposto sobre o fato de que não há possibilidade de um jornalismo isento de valores, ideologias e pontos de vistas. Persiste uma avaliação ingênua sobre o fazer jornalístico comercial, ligado a grupos corporativos de comunicação, como é o caso dos jornais *O Estado de S. Paulo* (pertencente ao grupo Estado, que inclui diversos veículos) e o *GI* (pertencente às Organizações Globo).

ESTUDANTES DE LEGISLAÇÃO E DIREITO À COMUNICAÇÃO

As respostas dos estudantes dessa disciplina, em sua maioria, também caracterizaram-se por atribuir às coberturas dos veículos a ideia de neutralidade e isenção.

Das nove fichas respondidas, seis são acrílicas e três incluem questionamentos sobre a abordagem da Covid-19.

As fichas 2, 3, 5, 6, 8 e 9 estão na categoria acrílicas. Na ficha número 2, os estudantes afirmam textualmente que a cobertura do *Metrópoles*: “tenta sempre noticiar os fatos de forma neutra e embasada por fontes, evitando exprimir juízo de valor”. Na de número 3, temos a seguinte avaliação: “todos os títulos das matérias foram neutros, o que consolida, de fato, o jeito de fazer jornalismo do *Metrópoles*”. Na ficha número 5, sobre o Portal *GI*, afirma-se: “nas matérias analisadas, é valorizada uma abordagem do tema em comum, a pandemia de Covid-19, de maneira neutra e objetiva”. Na de número 6, também referente ao portal *GI*, observamos a seguinte avaliação: “o conteúdo das mesmas é caracterizado por sua veracidade, e, conseqüentemente, credibilidade”. A número 8 insiste na ideia de que a cobertura do *GI* é informativa e a de número 9, referente ao jornal *O Estado de S. Paulo*, conclui dizendo: “com isso, podemos concluir que o veículo *O Estado de S. Paulo* - Estadão, age de maneira imparcial”.

Há muito o que se refletir sobre a insistência dos estudantes em chamar de neutra, imparcial e objetiva uma atividade profissional que dialoga o tempo todo com a realidade, com os valores sociais/culturais/políticos. A comunicação no Brasil é formada por grandes conglomerados midiáticos, constituindo-se em oligopólios - proibidos pela Constituição de 1988 - que não se interessam pela prática da diversidade e da inclusão social. Quanto aos professores do curso, também há a necessidade de implementação de mais práticas, como essa da oficina, para que possamos trabalhar de forma mais efetiva o senso crítico e questionador dos estudantes.

O conteúdo das respostas referentes às fichas 1, 4 e 7 delineiam problemas importantes verificados na produção jornalística nacional. A de número 1 afirma que há uma personificação excessiva por parte da cobertura do *Metrópoles*; a de número 4 fala que o *Metrópoles* fez uma cobertura pouco aprofundada e que não há preocupação de trazer ou esclarecer uma visão científica sobre o assunto, já que se privilegia fontes oficiais ligadas ao Executivo Federal e, por fim, a de número 7, relativa ao *GI*, observa que: “falta o uso de uma linguagem inclusiva que situe o leitor leigo quanto aos termos e abreviações utilizados”. São percepções que, futuramente, poderão contribuir para que esses profissionais colaborem para uma prática profissional inclusiva, menos personalista e com o uso variado de fontes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo descreve e discute a experiência do *Observatório Estudantil Internacional da Informação* (ObservInfo), iniciativa do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília, em parceria com a Université du Québec à Trois Rivières. O projeto busca sensibilizar os estudantes de jornalismo em relação a um conjunto de critérios que permitam avaliar a qualidade das coberturas da mídia e identificar elementos de desinformação. Em um segundo momento, o projeto pretende desenvolver iniciativas de educação para a mídia voltadas, sobretudo, aos estudantes e professores da rede pública do Distrito Federal.

Assume-se que a falta de uma compreensão devidamente embasada em relação às práticas de verificação da informação pode ter consequências sérias para a vida em sociedade e a educação midiática é um instrumento com potencial para oferecer tal embasamento teórico e de reflexão a indivíduos consumidores de informação. Quanto aos públicos-alvo do projeto, independentemente de serem produtores profissionais de conteúdos, atrizes e atores que circulam e partilham informações nas mídias sociais precisam assumir uma postura ética e compromissada com a correta divulgação de dados e notícias, a partir de uma observação atenta daquilo que se publica e se compartilha. O ObservInfo se propõe a contribuir com essa noção ao procurar formar cidadãos capazes de realizar uma leitura crítica da informação que circula nos meios de comunicação, nas redes sociais e nos aplicativos de trocas de mensagem e ao tentar aumentar a confiança da população na produção jornalística de qualidade.

A experiência piloto de análise crítica da mídia, realizada junto a estudantes de duas disciplinas do curso de jornalismo da UnB revelou uma interiorização de uma leitura ingênua das práticas jornalísticas pelos participantes da oficina. Nela, a mídia de referência aparece majoritariamente como um espaço de difusão de uma cobertura neutra, verificada, imparcial - em detrimento aos conteúdos que circulam em mídias sociais, por exemplo. Nesse sentido, assumem e reforçam alguns mitos da ideologia profissional do jornalismo (DEUZE, 2005). Assumem que a presença de um jornalista profissional funcionaria como um atestado de qualidade da cobertura.

É difícil dizer até que ponto esse descolamento entre a leitura dos meios, proposta na oficina, e uma perspectiva mais crítica sobre a comunicação, ensinada no curso de jornalismo, seria resultado de uma dificuldade de os estudantes aplicarem conteúdos

discutidos em aula a objetos empíricos. Ou se eles estariam, na verdade, apenas reproduzindo em suas análises parte de uma visão de mundo adquirida em processos de socialização nos estágios - uma experiência comum à maioria dos participantes - e que está ainda presa à essa leitura do jornalista como um mediador neutro e independente dos fatos,

Esta constatação deve ser vista como um convite para que as disciplinas que integram o Observatório promovam um diálogo mais amplo entre os seus conteúdos e as experiências que integram a realidade dos seus participantes - enquanto estudantes, mas também estagiários e consumidores de conteúdos jornalísticos -, visando a construção de uma consciência crítica (FREIRE, 1983 [1967]). Isso implica em revisitar certos procedimentos pedagógicos de forma a conectar conteúdos ditos "teóricos" com a prática cotidiana do jornalismo, ou seja, mostrar que a reflexão acadêmica propõe, na verdade, novas formas de ver o mundo social. E construir uma pedagogia baseada em uma relação dialógica com os estudantes em que suas experiências sejam integradas ao processo de leitura crítica dos meios.

As próximas edições da oficina devem empreender um esforço para conectar os itens da ficha de análise aos conteúdos da disciplina e às práticas jornalísticas experienciadas pelos estudantes - nos estágios nas redações e na leitura cotidiana dos jornais - como uma estratégia de desconstrução de um processo ainda ingênuo de apreensão do discurso midiático. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de uma introdução gradual dos conteúdos da ficha ao longo do semestre letivo e na multiplicação dos debates realizados em sala de aula sobre a cobertura dos meios, de forma a reforçar o papel do pensamento crítico na formação dos futuros jornalistas.

REFERÊNCIAS

ARROYO SANCHEZ, A.; CABREJO PAREDES, J. E. CRUZADO VALLEJOS, M. P. Infodemic, the other pandemic during COVID-19. **Scielo preprints**, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/367/456> . Acesso em: 10 jun. 2021.

AUSANI, M. F. 2017. **Jornalismo político on-line no facebook e as interações do público: usos, apropriações e posicionamentos dos usuários**. Mestrado em Comunicação: Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23492> Acesso em: 14 jul. 2021

ALLAHVERDIPOUR, H. Global Challenge of Health Communication: Infodemia in the Coronavirus Disease (COVID-19) Pandemic. **Journal of Education and Community Health**,

7 (2) :65-67, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29252/jech.7.2.65> Acesso em 14 jun. 2021.

BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake News and The Economy of Emotions Problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, 6(2), p. 154-175, 2018. DOI: 10.1080/21670811.2017.1345645

BARUA, Z., S. BARUA, S. AKTAR, N. KABIR, M. Li. Effects of misinformation on COVID-19 individual responses and recommendations for resilience of disastrous consequences of misinformation. **Progress in Disaster Science**, Vol. 8, 2020, 9 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pdisas.2020.100119> Acesso em: 14 jul. 2021.

BASTARD, I. Coder/decoder/decoder. **Terminal**, 125-126, on-line, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/terminal.5292> Acesso em: 14 jul. 2021.

BRAUN, J.A.; EKLUND, J.L. Fake News, Real Money: Ad Tech Platforms, Profit-Driven Hoaxes, and the Business of Journalism. **Digital Journalism**, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1556314> Acesso em: 14 jul. 2021.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CESARINO, L. **On Digital Populismo in Brazil**. Polar, April 15, 2019.

CHAGAS, V.; MODESTO, M. & MAGALHÃES, D. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. **Esferas**, 14, 1-17, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31501/esf.v0i14.10374> Acesso em: 14 jul. 2021.

COLLINS, Dictionary. **Fake news**. 2019. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news> . Acesso em: 30 jun. 2021.

CORREIA, J. C.; JERÓNIMO, P.; GRADIM, A. Fake news: emotion, belief and reason in selective sharing in contexts of proximity. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 3, p. 590-613, 2019.

DEUZE, Mark. What is journalism?: professional identity and ideology if journalists reconsidered. **Journalism**, v. 6, n. 4, p. 442-464, 2005, DOI: 10.1177/1464884905056815.

EVANGELISTA, R. & BRUNO, F. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalization. **Internet Policy Review**, 8(4), on-line, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14763/2019.4.1434> Acesso em: 14 jul. 2021

FERREIRA, C. C.; ROBERTSON, J; KIRSTEN, M. The truth (as I see it): philosophical considerations influencing a typology of fake news. **Journal of Product & Brand Management**. Vol. 29 No. 2, pp. 150-158, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JPBM-12-2018-2149> Acesso em: 14 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARCIA RAMIREZ, D. The journalism in the attention economy: the relationship between digital platforms and news organizations. **Brazilian Journalism Research**, v. 17, n. 2, p. 4-27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v17n1.2021.1332> Acesso em: 14 jul. 2021.

HERNÁNDEZ, L. Deontología periodística en tiempos de infodemia. **Temas de Comunicación**, v. 1, n. 40, p. 94-102, 2020. Disponível em:

<http://revistasenlinea.saber.ucab.edu.ve/temas/index.php/temas/article/view/4603> Acesso em: 10 jun. 2021.

LACALLE, C. As novas narrativas da ficção televisiva e a Internet. **Matrizes**, São Paulo, 3(2):79-102, 2010.

LE CAROFF, C. 2018. Le partage de l'actualité politique sur les profils personnels de Facebook. In A. Mercier & N. Pignard-Cheynel (Orgs.), **Commenter et partager l'actualité sur Twitter et Facebook** (pp.199-226). Paris: La MSH. Disponível em: <https://books.openedition.org/editionsms/11095> Acesso 14 jul 2021.

MEDITSCH, E. A formação para a praxis profissional do jornalista: uma experiência brasileira inspirada em Paulo Freire. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 5, p. 25, 2004. DOI: 10.17231/comsoc.5(2004).1243. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1235> . Acesso em: 30 jun. 2021.

MORETZSOHN, S. Chaff, wheat, filters, and bubbles: a discussion on fake news, journalism, credibility, and affections at network times. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 3, p. 540-561, 2019.

OLIVEIRA, C. C. G., & CRUZ PIRES, T. M. C. (2018). Para além do #FORADILMA: Atores, estratégias e discursos políticos conservadores no Twitter durante a manifestação de 13 de março de 2016. **Eptic**, 20 (2), pp. 142-163.

SERRANO, Pascual. **Desinformação**: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010.

WAISBORD, S. Truth is What Happens to News on Journalism, Fake News, and Post-truth. **Journalism Studies**, v. 19, n. 13, p. 1866-1878, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1492881> Acesso em: 14 jul 2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H.. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Council of Europe**, v. 27, 2017.